

Est. Port. Afric., Campinas, (37): 155-158, Jan./Jun. 2001

De WELLINGTON FERNANDES

Pela manhã ela arrumava a cama.
E havia tanta graça em seu gesto,
que eu, de minha parte,
chegava a ouvir sinfonias.
Ficava pensando na vida
enquanto ela dobrava os lençóis,
como quem dobra as velas
ao chegar da longa viagem.

Quando chegar nosso ocaso
com o que há de silêncio nele
ficarei olhando o passar do tempo
como o sol se pondo
e o alaranjado escurecendo
ficaremos nos olhando
enquanto a luz se despede
e nossos corpos se entrevam
estaremos nos escuro sendo
duas mãos à distância
em longos e vagos acenos.

Te ver dormir me tira o sono.
Decoro tua lenta coreografia.

O tempo que passa empalidece
os cabelos e muda suas fotos.

Algumas rugas nos rostos, e retratos
desfigurados na memória.

Estreita minha cela
e é inútil unhar as paredes.

Te ver dormir me tira o sono.

Talvez fechar os olhos
ou cruzar os braços como dar um nó.

Mas fico seguro em seus braços
menino sob o cobertor.

Os graves suspensórios de papai
fazem-me tolo.

Tolo como um quebra-cabeça
ou um velho palhaço, trapezista.

Os sapatos de papai
que não me servem,
demarcaram esse caminho
invisível,
pra que os meus pés
desavisados e tão míopes
não pudessem perder-se neste abismo.